



L. N. FAGUNDES VARELLA.

Lith de J. Alve. Leire.

REVISTA

DO

PARTHENON LITTERARIO

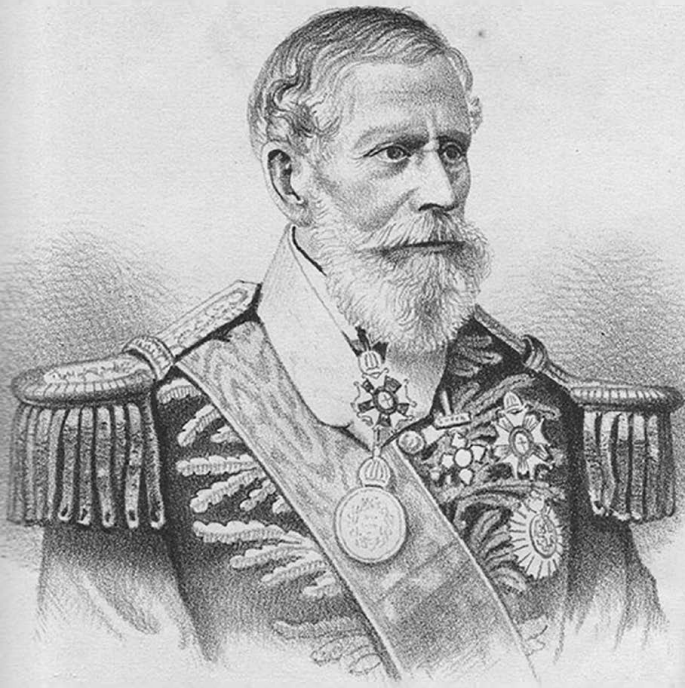
QUARTO ANNO

JUNHO

PORTO ALEGRE

IMPRESA LITTERARIA

1875



CONDE de PORTO ALEGRE.

Lith. de J. Alves Leira



DISCURSO

PRONUNCIADO PELA EXM.^a SR.^a D. LUCIANA DE ABREU, NA 7.^a Sessão ANNIVERSARIA DO PARTHENON LITTERARIO

Senhoras-e senhores.

Na grande t~~ela~~ da humanidade, que se chama historia, vemos que se destacão, como farol~~es~~ luminosos a desprenderem scintillas brilhantes do bom e do bello, quatro épochas memoraveis que jamais se apagarão da memoria dos posteros, e que, ao contrario, gravar-se-hão com caracteres indeleveis, despertando o mais util e legitimo dos estimulos.

Essas épocas, senhores, que corajosas derão o mais nobre impulso ás lettras, ás artes, ás sciencias e á philosophia, que immortalisarão a raça latina com os nomes gloriosos de Pericles, de Augusto, de Leão X e de Luiz XIV, não forão para a humanidade factos estereis e momentosos que durassem tanto quanto a existencia de seus incansaveis impugnadores; forão antes os fecundos mananciaes, que abrirão ao progresso e á civilisação, as fontes inexhauriveis de luzes e de perfectibilidade a que tendem as sociedades modernamente constituidas.

O *Parthenon Litterario* é a synthese viva e brilhante do que acabo de avançar. Sim! O *Parthenon*, ainda hontem, pobre infante que lutava com o desalento, com o indifferentismo social que mata em embryão as mais nobres e santas aspirações, que lutava com a parte, infelizmente, a mais numerosa da sociedade, que só pensa, só cuida no melhoramento material esquecendo até que é a cabeça illustrada que dirige o braço improductivo do artista, do lavrador ignorante; o *Parthenon* levante-se hoje sublime de

entusiasmo, entoando hymnos triumphaes ao contemplar o seu 7.º anniversario, contando por dias o numero das victorias, da supremacia que alcança do espirito sobre a materia, da sciencia sobre a ignorancia, da moralidade sobre a perversão, da luz sobre as trevas, da liberdade contra a escravidão. (*Muito bem! Muito bem.*)

Senhores, o fim da litteratura de todos os seculos e de todos os paizes é, se me não engano, formar o coração do individuo e consequentemente da humanidade pela profusão das luzes que lhe proporciona, e pelo perfeito conhecimento de seus deveres em relação a Deos, á patria, á sociedade, e á familia. N'este ponto, confunde-se o ser moral com o ser intellectual, sublime confusão em que todas as faculdades, obrando como agentes intermediarios, convergem a um fim altamente benefico e essencialmente civilizador.

Estas idéas teve-as certamente o *Parthenon*, quando, logo em começo de sua existencia, promoveu e realisou a libertação de tantas pobres crianças que nem siquer podião gemer sob o peso da escravidão. Elle marchava directamente ao fim a que se propunha no futuro — instruir para libertar, era sua gloriosa divisa, e elle foi duplamente libertador, resgatando para a grande communnão social tantos seres infelizes, privados de levantarem a fronte para o sol resplandecente da esperança e da felicidade; condemnados a maquinas degradadas, sem vontade, sem força e sem acção e muitas vezes superiores na grandeza e resignação do martyrio, como na longanimidade d'alma, a esses modernos Attilas que ousão levantar a serviz e proclamar-se liberaes á luz meridiana do seculo XIX! (*Applausos*).

Com effeito, senhores, não sabemos se mais admirar o *Parthenon* n'essa epocha gloriosa, em que ensinou aos velhos timoneiros do Estado o que devião fazer, qual o caminho traçado, o meio simples e natural para, sem abalo e sem commoção de interesses, chegarmos á feliz realidade da emancipação; ou se quando, do alto d'esta tribuna, castello inexpugnável da sociedade moderna, tem discutido e proclamado todas as grandes questões, que affectão o mundo moral ou social em seus mais vitaes interesses.

Se as doutrinas falsas ou perigosas, mas coloridas com o brilho seductor de alguma feliz intelligencia, tem momentaneamente achado echo n'esta casa, recordando-nos a perspicacia e sabedoria dos antigos areopagistas, quando prohibião as flores da eloquencia nas orações d'accusação ou defesa porque, essa arte dava á mentira as cores da verdade, nunca forão as aparições de taes doutrinas senão os instrumentos providenciaes que devião trazer-lhes em breve a mais inteira e completa refutação.

O nosso seculo, porém, não comporta esta prohibição preven-

tiva que ao areopago engrandecia: elle quer, antes de tudo, a discussão como origem eterna de luzes; e é só ao respirar benefico desta pura atmosphera que a verdade destacar se-ha imponente, e o sophisma se desprenderá de seu falso pedestal como os idolos informes do Egypto á chegada modesta do Filho unigenito da mais celeste e formosa das virgens de Sião.

Tenho observado, senhores, em miuha fraca experiencia, que os factos da vida physica seguem quasi uniformemente os da vida moral. Assim é que se a variedade das estações nos não apresentasse, ora os campos desornados de sua verde vegetação, as varzeas alagadas, as arvores despidas de sua luxuriosa belleza e o mesmo céu triste e carrancudo prestes a chorar com a tristura da natureza, nós não apreciaríamos com a mesma intensidade o sol brilhante e vivido da primavera, as suas manhãs tão deliciosas, abrir dos calices mimosos das açucenas, convidando-as a derramarem um mar de perfumes sobre o solo abençoado dos tropicos, e a elevarem com a rosa olente, com a modesta e balsamica violeta, com o canto inspirado dos passarinhos e com a voz culta do homem, um hymno de dulcissima harmonia, áquelle Ser supremo e indefinivel, principio, essencia e termo de toda a criação.

Assim é, senhores, que o materialismo, a mais absurda concepção do espirito humano, graças ao dom persuasivo de um talentoso orador, causou um dia ao *Parthenon* um passageiro entusiasmo; mas esta não foi senão a causa occasional que fez erguer um a um os mais illustres, os mais projectos parthenonistas, e o espiritualismo, depois d'este baptismo de fogo, ergueu-se calmo e radioso como a consciencia do justo.

Perdoai-me, senhores, esta longa e fastidiosa digressão; (*Muitos não apoiados*) e permiti-me que termine recordando-vos algumas das grandiosas idéas a que o *Parthenon* tem consagrado a mais paternal solitudine, a mais pereune dedicação.

A instrucção, a pedra de toque do seculo, o unico feudo que tem hoje o direito de erguer as armas gloriosas da imprensa e da tribuna, tem sido aqui longa e victoriosamente proclamada, e os mais illustres e dedicados de seus filhos tem vindo depositar em seus altares o mais puro e ardente dos cultos.

A fascinação e os perigos quasi irresistiveis do luxo, a sua acção destruidora, tanto no lar da familia, como no coração dos estados, já forão aqui victoriosamente combatidas; e as paginas solemnes da historia desenroladas por mão de mestre, calárão a convicção e a verdade em muitas dezenas de corações.

E tu, oh, liberdade! casta e encantadora filha da divindade, a um tempo base e cúspide do mundo social, sonho doirado e grandioso de todos os corações generosos, não foste nunca deslembrada por essa mocidade fremente de entusiasmo! A ti os

seus hynnos mais melodosos, as mais bellas irradiações da sua intelligencia, o mais activo pulsar d'estes corações que a lepra do egoismo ainda não pôde contaminar.

Minhas senhoras, permitti que vos lembre a mais possante idéa que o *Parthenon Litterario* tem abraçado. Já vêdes que fallo da Instrucção, dos direitos, da emancipação da mulher. E' que o *Parthenon* comprehendeu que, sem a realisação d'essa idéa, todas as outras não seriam mais que frases pomposas e elegantes, destinadas a ornarem o vocabulario das linguas; e que só a mulher culta e moral saberia resolver com vantagem os difficeis proplemas da instrucção universal, do luxo em relação á posição social e pecuniaria do individuo, e que só ella poderia plantar no coração da mocidade os sãos principios da ordem na liberdade.

Um dia appareceu n'esta tribuna uma mulher tão fraca e obscura quanto o pôde ser aquella que não tem um appellido dorado ao sol de cem batalhas, nem distincto nas lutas da intelligencia, cujos pés se não apoião no bezerro da moderna Babilonia, nem a fronte aureolada pela corôa do genio; pois bem, o *Parthenon* não desdenhou a sua fraqueza, nem sorrio ao ver a sua ousadia; abriu-lhe, de par em par, as portas de seu santuario como as do seu coração, confiou-lhe o que tinha de mais precioso — a sua tribuna — e prestou-lhe todo o apoio que essa idéa exigia.

E se hoje alguém perguntar a essa mulher: — quem sois, e o que pretendeis? ella de certo responderá commovida: — sou filha do *Parthenon Litterario*, desejo ver a mulher na altura sublime a que a destinou a Providencia; e ao *Prothenon* considero, como o mais denodado campeão. Nesta santa cruzada do future.

O dia de hoje, minhas senhoras, não podia pois ser indifferente para nós; dia de glorias e de triumphos para a patria, para as letras para a sociedade feminina e para a humanidade em geral; e é por isso que, a mais humilde de suas socias, vem hoje depositar em seu seio, não as flores perfumosas de uma robusta intelligencia, mas os votos entusiasticos de um coração reconhecido.

Salve, pois, oh associação benemerita, pelas lides custosas do passado, pelas glorias brilhantes do presente, pelas santas esperanças do futuro, salve, trez vezes salve!

(*Muito bem! Muito bem! Prolongada salva de palmas*)

DISCURSO

PRONUNCIADO PELO SR. APELLES PORTO ALEGRE NA 7.^a SESSÃO
ANNIVERSARIA DO PARTHENON LITTERARIO

Senhoras e senhores.

O Parthenon Litterario commemora o setimo anniversario de sua installação.

O numeroso auditorio que enche estas salas é a expressão mais brilhante de que a festa de hoje não é um acontecimento vulgar na vida de um povo.

Se a opinião publica, senhores, é o supremo tribunal que glorifica as grandes idcias, se ella é quem levanta as instituições da liberdade e derroca os monumntos do despotismo, se a opinião publica é o grande tribunal dos seculos que julga os principios e os factos, os individuos e as nações, grande gloria é a do Parthenon Litterario, senhores, que soube inspirar tantas sympathias, reunindo n'esta sessão um tão illustre e numeroso auditorio, que n'este momento o torna alvo de tão imponente manifestação popular. (*Muito bem*)

Grande gloria é a do Parthenon Litterario; a voz do povo é a voz de Deos; a justiça popular é divina, senhores, porque o espirito democratico do seculo XIX fez do cordeiro um — leão, do povo uma — magestade. (*Muito bem, muito bem*)

Interpetrai os sentimentos populares, vibraí a fibra patriotica do coração magnanimo do povo e ella vcs dirá que o dia 18 de Ju-

rho ornamenta hoje os fastos da patria; é uma data nacional, porque é um facto que entrou no dominio da posteridade.

Minhas palavras, senhores, não encerrão uma proposição arrojada, filha de uma imaginação aquecida pelo enthusiasmo de moço, ou talvez por uma imperdoavel vaidade individual; no alto d'esta tribuna deixo de representar uma individualidade, para significar apenas o echo de uma verdade historica.

O que entra no dominio da posteridade, por si mesmo externalisa-se nas paginas da historia, e a historia tem uma philosophia, que é a sciencia creadora da verdade dos factos, sciencia analytica que esmaga o vicio para divinisar a virtude, fulmina o despotismo para sublimar a liberdade, grande sciencia que levanta o homem acima do nada para erguer Deos acima da — duvida.

E o que diz, senhores, a philosophia da historia contemporanea em relação a festa natalicia do Parthenon?

Sustenta que a criação de semelhantes instituições não constitue um patrimonio pessoal, são concepções de uma epoca, chrysalida desenvolvida pelo tempo, transformada em ideia pelas inspirações do patriotismo, mas convertida em facto pelo progresso que é a lei soberana que rege os destinos da humanidade.

Investigai o passado, consultai o presente, e, quer nos monumentos das gerações extinctas, quer nas instituições das gerações coévas, encontrareis o predomínio d'essa lei do progresso, dirigindo os individuos e os povos atravez dos tempos, como um laço de afinidade que liga o passado ao presente e ha de ligar o presente ao futuro. (*Muito bem*)

Estudai as mais remotas eras do mundo; ide á India, á Persia e ao Egypto, penetrai no sanctuario da civilisação oriental e ahi mesmo na muda contemplação das ruinas, em frente de todos os prejuizos religiosos d'esses povos theocraticos, vereis com pasmo burilada em cada conquista da intelligencia humana, a divisa dos seculos — o mundo marcha; legenda prophetica que o genio de Pelletan popularisou entre a geração hodierna, legenda prophetica, que a providencia traçou no espaço e no tempo, gravou nos milhões de mundos que rolão no infinito, gravou nos milhões de bandeiras que tem-se desfraldada no topo das barricadas ao rijo sopro das revoluções populares. (*Muito bem, muito bem*)

Ide ao primitivo lar da civilisação; ide á India, entrai nos templos do bramanismo, folhcai o Vêda e as paginas do codigo de Manú, e mesmo ante essa religião que tem por dogmas a preexistencia e a transmigração das almas, em face d'esse codigo cujas leis condemnão o homem — á inacção e impõem á humanidade o seu aniquilamento, em face de tudo isto, senhores, o progresso lavra no seio do povo indo arrastado pela correnteza dos aconte-

cimentos, assim como o loto resvala á flor das aguas levado pelo vaudal do sagrado Ganges.

Ide á Persia, abri o livro dos Naçkas, esse evangelho do mazdeismo, e encontrareis ainda essa lei da civilização estereotipada nos dois principios fundamentaes da religião dos aryanos, principios symbolisados em Oromase e Arimanes e que são o centro de gravitação do mundo moral de Zoroastro.

O triumpho futuro do bem sobre o mal, da luz sobre as trevas, crença ardente dos sectarios do mazdeismo, ideal brilhante da religião dos magos, não será por ventura uma verdade philosophica, que já tem sua aurora no presente e ha de ter seu dia esplendido á luz do sol dos vindouros tempos?

Deixai a Asia e percorrei a Lybia, essa terra viva encarnação do contraste, ardente como a canicula do céu de sua zona torrida, suave e poetica como a briza de seus oázis verdejantes, bella como a vegetação poderosa do sol dos tropicos, terrível como a lufada do simum dos seus desertos, selvagem como os idolos de sua religião, mas sublime e grande como o martyrio heroico de seus filhos. (*Muito bem*)

• Africa! inditosa filha dos continentes, terra martyr dos desatinos do bispo de Chiapa, nobre victima da força brutal do despotismo Deos te salve, ó, Africa, no teu lar de desventura, no teu berço de agonias. (*Muito bem*)

Ninho da raça ethiopica, és a malfadada patria de uma raça inditoza.

Quantas vezes, ó Africa, gerações inteiras de teus filhos que adormecerão embaladas pelos hymnos da liberdade á sombra de tuas florestas gigantes, sentirão o despertar nos ergastulos americanos, açoutadas pelas ventanias do captiveiro, vencidas pelas dores do infortunio? (*Muito bem*)

No solo da Africa pisa um dia a raça branca arremessada pelos tufões da velha Europa; nas mãos leva os grilhões com que deve captivar um povo livre, nos labios friza um sorriso atroz que diz ao pobre aborigene: Dobra o joelho sobre a terra natal, estende os pulsos á escravidão e depois... fertiliza a aridez de teus desertos com as lagrimas de teus martyrios. (*Muito bem, muito bem*)

E assim foi... a dor, a lagrima e o martyrio fecundarão o africano solo; e no entanto, senhores, á cinta da raça branca pende a espada, no peito o crucifixo; são christãos e cavalleiros. Irrisão da sorte! Torna christão — um bandido, e faz de um villão — um cavalleiro. (*Muito bem, muito bem*) Irrisão da sorte! Essa raça que trazia a cruz escripta na face das bandeiras, mata um povo na escravidão, renega Christo, e levanta um Golgotha n'esta terra onde nunca pisou o — Judeu Errante. (*Applausos prolongados.*)

Deos te salve, ó, Africa! no teu lar de desventura, no teu berço de agonias, vasto ninho onde pouzou a aguia da civilização oriental e onde ainda hoje campeão altivaś nobres ruinas de uma grandeza passada. (*Muito bem, muito bem.*)

Tambem a Africa, senhores, foi o berço de um grande povo; a architectura e a litteratura, que é o caracteristico saliente dos povos civilizados, ergueu magestosos templos nas terras do Egipto, na patria dos Pharaós.

A sciencia sacerdotal estampada na celebre inscripção de Saís, os destroços dos magnificos templos de Memphis, do palacio de Karnac e de Thebas, a cidade das cem portas, eis uma grandeza imperecivel no meio de tantas ruinas; eis a historia de um povo escripta pela litteratura nos mysteriosos sanctuarios da religião, e gravada pela arte na face secular dos monumentos. (*Muito bem, muito bem.*)

Abandonai o Egipto e sulcai o Mediterraneo.

Ante a vista que se perde no espaço espelha-se sublime panorama. — Um silencio immenso; Deos — no infinito, no mar a immensidade, e no horisonte a — Grecia.

De pé n'uma extrema do continente, entre os perfumes da viração que passa e ao dondo affago da vaga ionia resplende a Grecia na fimbria rozea do horisonte como fulgido diamante n'um diadema de rubins.

Nos quarteis da patria, Esparta em armas, em seus famosos jogos, Olympia em festas, e enquanto o viajante vai á Esparta contar o heroismo das Thermopylas, nos jogos olympicos o povo brada em massa: Curvai-vos, multidões, curcai-vos ante o autor das nove musas, que Herodoto — é o pai da historia. (*Muito bem muito bem.*)

Entre creações do genio helleno brilha Athenas no fundo do painel grego como na vastidão dos mares o cocar florestal da joven America luziu na phantasia de Colombo.

Aqui o Parthenon; e enquanto Phidias encarna-se na estatua de Minerva, e Platóo na Academia queima incenso nas aras da philosophia, Aristoteles no proscenio do Lycéo mostra as fontes da sciencia a seus discipulos, como outr'ora no deserto Moysés apontou os jorros d'agua ao povo hebreu. (*Muito bem.*)

Adiante o Prytaneo... no centro a sala das sessões politicas, onde na sombra projecta-se venerando busto erguendo-se no pavimento do salão, como o Nevada magestoso se levanta no dorso da andina cordilheira. Venerando busto, a immortalidade vazada em molde humano, augusto vulto, catapulta do genio; nas formas — um homem, na ideia um seculo, — Pericles em lettras d'ouro na historia escripto.

Alem... um homem, erguendo-se no seio da assembléa popular envolto na atmosphera luminosa do talento, assim como a estrella d'alva ergue-se na aba do horizonte envolta no rosicler das alvoradas; eil-o, luzeiro da eloquencia, fulgindo no meio de seus rivaes como o sol do nosso systema planetario scintilla na immensidade entre o brilho de um milhão de sócs. (*Muito bem.*)

Eil-o no tablado da luta; é Demosthenes; a palavra é raio que rola corôas da cabeça dos tyrannos, como outr'ora na Palestina baquearão as muralhas de Jericó ao rebate do clarim de Josué; eil-o symbolo da eloquencia — na tribuna, o verbo da democracia no throno da praça publica. (*Muito bem, muito bem*). Eil-o aavez dos tempos, significando sempre a admiração do passado e do presente, tão grande em vida como foi sublime na morte; grande alma, homem livre, preferio dormir com a liberdade no tumulo, do que viver com a tyrannia no mundo. E quando na arena dos combates tomba o batalhador, qual inditosa virgem curvada sobre uma louza, pranteando o ideal de seus amores, de joelhos, junto a campa de Demosthenes, chora a Grecia o esforçado deffensor de sua independencia.

Vellão o sepulchro do heroico batalhador um povo em lagrimas, em luto — a liberdade.

O' vós, senhores, que na defeza do privilegio divino enxovalhaes com o ridiculo a causa santa da democracia, causa santificada pela pureza de seus principios, sagrada pela abnegação de seus martyres; ó vós, senhores, que combateis a ferro e fogo o ideal da sociedade hodierna encarnado no governo do povo pelo povo; ó, vós, senhores cavalleiros dos thronos, no meio dos vossos triumphos, não zombeis dos prantos da inditosa Grecia, que se as lagrimas de uma mãe enlouquecida sobre o esquife do filho são santas, não menos santas são as lagrimas da patria que banhão a lapida funeraria do cidadão (*applausos*); não zombeis d'esses prantos, respeitai-os; as feridas da patria são dores da humanidade, os prantos do povo são lagrimas de Deos. (*Appausos, prolongados*)

Com a perda de sua autonomia empallideceu o genio helleno e os primores d'arte da bella Grecia forão levados pelos vencedores romanos para resplenderem como trophéos diamantinos no diadema de glorias da conquistadora do mundo.

O seculo de Augusto, que é o segundo da phase brilhante da litteratura, tem sua expressão especial, que o caracteriza entre os outros seculos que glorificão a historia da humanidade.

Como se não fosse bastante ser uma epoca illuminada pelo genio de Cicero e Julio Cesar, de Plutarco e Mecena, de Virgilio e

Plínio o Naturalista, bem gloriosa por sua natureza para assignalar uma phase memoravel, quiz attingir ao apogêo da immortalidade, fazendo Christo contemporaneo de Augusto.

Eis, senhores, o caracteristico saliente d'esse seculo que apresenta-nos Augusto com a face voltada para o passado, fechando as portas da antiguidade, emquanto Christo de frente para o futuro descerra os porticos da idade moderna, annunciando a boa nova, a redempção aos povos famintos de misericordia e justiça. (*Muito bem, muito bem*).

A revelação é o christianismo que consorciado com a energia germanica, são os dois elementos poderosos que, ligando sentimentos e aspirações n'um mesmo crisol, unindo suas forças para um mesmo fim, arrancarão a sociedade moderna do solo volcanico da idade media, assim como da fusão das nebulosas espalhadas no espaço, as leis phisicas arrancão do infinito um mundo novo. (*Muito bem*)

Os seculos de Leão X e de Luiz XIV são as consequencias gloriosas d'essa grande jornada da civilisação, e assim como nas eras remotas da antiguidade a theocracia e o despotismo forão elementos de progresso no seio das primitivas nações, assim tambem nos tempos hodiernos essa mesma lei que formou as novas sociedades precipita o theocratico Leão X nos braços da revolução religiosa da Allemanha, e incita o absoluto Luiz XIV a concentrar em torno de seu throno as materias inflammaveis da revolução franceza.

A reforma religiosa da Allemanha, emancipando a liberdade de consciencia do individuo, a revolução franceza, emancipando a liberdade civil do cidadão, nos mostrão a tradicção vencida pelo progresso que a luz do seculo XVIII peia voz de Mirabeau proclama e reconhece os direitos do homem, até então negados pelos dogmas da papalidade e calcados ás plantas do privilegio divino das realezas. (*Muito bem, muito bem*).

Eis, senhores, atravez dos seculos essa lei providencial, atravessando as fronteiras das nações como a corrente oceanica atravessa as raias dos mares, para ir no meio dos povos presidir aos triumphos da civilisação, assim como nos tempos antigos a agnia do capitolio arremessava-se ao espaço para ir no meio dos combates conduzir as legiões romanas á victoria n'essas batalhas tremendas onde á ponta de espada pleiteavão-se os destinos do mundo.

Mas essa grande lei moral da humanidade para impôr ás sociedades os seus decretos civilisadores, para realizar na terra sua missão prophetica, teve necessidade de um corpo, de uma força concreta que podesse lutar com os prejuizos das multidões igno-

rantes, que podesse arcar braço a braço com o egoísmo desenfreado das aristocracias.

Para tão grande espirito era preciso um grande corpo, e assim como a sabedoria infinita ao encordoar a harpa das ventanias julgou necessario formar uma immensidade para o energico desafogo do tufão, assim tambem a Providencia entendeu que o progresso para apresentar-se na arena das lutas sociaes como o paladino do bello, do bem e da verdade, tinha por necessidade imperiosa de encarnar-se no pulmão da mocidade que é a força constitutiva das nações, a alma de todas as conquistas da civilisação, o symbolo brilhante dos gloriosos trophéos da humanidade. (*Muito bem*).

A mocidade é o progresso que scintilla entre as nevoas do passado como o santelmo brilha entre as brumas das tempestades; ella, á luz do presente ergue-se energica no tablado do mundo como o pampeiro levanta-se magestoso no scenario do pampa. (*Muito bem, muito bem*).

Mocidade, tu és o progresso; no mundo antigo foste o heroismo no holocausto das Thermopylas, a sublimidade do pensamento nas conquistas do genio grego, a grandeza d'alma, a virtude civil na nobre ousadia de Catão, a caridade, a redempção, o drama do Calvario no vulto do grande martyr — o jovem Christo. (*Muito bem, muito bem*).

Mocidade, tu és o progresso; no mundo moderno foste a inspiração do valor no céu heroico da Germania, a emancipação do espirito humano na revolta de Lutero, a fé do futuro, a convicção energica do direito publico nos triumphos da convenção franceza que, rompendo com a tradicção, quebrou na praça pública o sceptro dos reis para libertar os povos opprimidos pela mão de ferro das realzas absolutas. (*Applausos*).

Mocidade brazileira, tu és o progresso de nossa querida patria; foste no commettimento de 89 o espirito da revolução mineira; e quando o cutello estrangeiro suffocou em sangue as aspirações do patriotismo nacional, do patibulo de Tiradentes fizeste a escada de Jacob por onde subiu o martyrio de um povo aos pés de Deus, para dos seios do Senhor sahir a liberdade, que, descendo ao solo brazileiro, lançou por terra o pelourinho ensanguentado do heroico infidente, e despedaçando as algemas do captiveiro colonial, penetrou nas florestas de bayonetas luzitanas, bradando ao mundo — Independencia ou morte. (*Applausos prolongados*).

Mocidade rio-grandense, tu és o progresso de nossa heroica provincia; hosanna a ti — que no recondito dos sertões, junto a charrua do lavrador convertes o suor de tua fronte em orvalho fertilizador das messes opulentas; que na officina dos templos da industria, de escopro em punho és a imagem do trabalho, que é a

força pujante das nacionalidades modernas ; que no alto mar sobre o tombadilho do batel, que rasga a immensidade do oceano, és a bussola á descobrir os thesouros do commercio que são os mananciaes da riqueza publica ; que junto ás fronteiras da nação és a sentinella da patria, onde por dezenas de vezes a lança inimiga tem-se feito em estilhaços, vencida pelo heroismo de teu peito convertido em baluarte de bronze. (*Applausos prolongados*).

Em nome da liberdade, da historia e da humanidade, hosanna a ti que no tablado da patria és a inspiração da gloria nacional, hosanna a ti que no scenario do mundo — és a rediviva de todos os tempos, és a posteridade de todos os seculos. (*Bravos. Muito bem, muito bem. O orador é entusiasticamente applaudido*).

DISCURSO

PRONUNCIADO PELO 2.º ORADOR SR. JOSÉ BERNARDINO DOS SANTOS,
NA 7.ª SESSÃO ANNIVERSARIA DO PARTHENON LITTERARIO

Illustrado auditorio.

Quando ainda vos deve estar gratamente reboando no labyrintho acustico o sonoro écho da palavra symphatica e brilhante do novel e futuro orador, que, representando a sociedade *Ensaio Litterarios*, tão esplendidamente se nos revelou, confirmando a convicção de que é incontestavelmente uma das mais lisongeiras esperanças de nossa litteratura... quando acaba de descer d'esta tribuna entre o ruido de aclamações e applausos a distincta preceptora, que por seu superior talento, por sua não vulgar illustração, conquistou renome e celebridade merecida... quando acaba de se fazer ouvir na phrase elegante, no conceito profundo, no discurso eloquente, a laureada oradora, (*Muito bem*) eu só poderia elevar-me até aqui por uma audacia inaudita, se não viesse occupar esta tribuna no desempenho do dever congenito ao cargo honroso, que se me impoz sem medirem as forças á minha pobre intellectualidade, que não só não ousa aspirar a gloria do confronto, mas até receia não poder satisfazer a propria consciencia. (*Não apoiado*).

E no entanto, a minha missão é simples! Eu não posso sequer afastar-me á lettra da lei, que rege a associação, que ora tem por interprete o mais obscuro de seus membros, para acompanhar aos seus illustres predecessores em rapido percurso analytico as tremendas conflagrações, que tem abalancado o planeta, que habitamos, produzindo os grandes cataclysmos da ordem moral e phy-

sica, sobre cujos escombros o seculo XIX assentou a sua tenda de obreiro e de pensador, de progresso e de liberdade.

Sinto estremecerem-me os choques de doutrinas contrarias, o entusiasmo arrebataram-me o espirito ás sublimes regiões do idealismo, ora abysmando-o n'um mysterio profundo, ora deslumbrando-o ante a luz da verdade; ora se me infiltrando na alma immortal da idéa de Deus; ora a razão arrastada pelo amor da sciencia á indagação do effeito e da causa até a negação d'essa mesma divindade, que no entanto eu adoro, em cuja omnisciencia eu creio na fé que me exalta, na dignidade de que ella me reveste. (*Muito bem*).

Mas como a sphynge, ante a qual rola silencioso o Nylo, com seus neuphares os segredos de um povo extincto, de uma civilisação que perdeu-se no pó dos seculos, eu vejo deslizar o presente e ergo-me para attestar o passado

Abraço uma d'aquellas idéas, condemno a outra, e não me posso pronunciar sobre ellas!... O meu gyro é curto e determinado, preso ao imã de uma celyptica de aço, que não posso e nem deveria tentar partir.

É assim é, senhores, que vos venho testemunhar que a pertinacia, a abnegação e o patriotismo ainda uma vez volvem a ampulheta do tempo, que marca o periodo de mais um anno de existencia ao *Parthenon*, e no seu glorioso itinerario mais um longo estadio percorrido por seus ardidos e valorosos neophytos na propaganda utilitaria de um nobre apostolado.

Mais um anno de existencia symbolisa mais uma serie ininterrupta de lutas, de conquistas e de triumphos... (*Muito bem, muito bem*) e pois, é justo que consintão que frua hoje um momento de treguas o batalhador infatigavel de sete annos; que engrinalde de flores as armas ensarilhadas e acenda junto a porta da tenda o fogo do festim.

Como os piedosos sacerdotes de Manco celebravão o equinoxio, rendendo as oblações da mais pura das crenças ao pae da luz, entre o temor e a alegria ao verem desaparecer a sombra das columnas do templo de Quito, inundando o espaço com a harmonia dos psalms; que se prolongavão desde as eminencias do Pampamarca até o valle doirado de Potozi, os parthenonistas, novos Incas, commemorão hoje o seu anniversario sob a cupula do céu americano, e casão aos tremulos murmures das brisas brazillanas as notas vibrantes de seus hymos triumphaes.

O templo augusto das letras ennastra-se de louro e rosas para a celebração do sacrificio incruento, e nas aras da civilisação em que consagrão todos os povos do orbe, que têm por ideal o progresso, e a liberdade, vem o *Parthenon* levantar como um trophéo de victoria o septimo mareo anniversario de uma existencia vivida

no embater de uma luta diuturna, pugnaz, desigual e assombrosa contra a escravidão, a ignorancia e odiosos prejuizos.

Mas a victoria não tem só hymnos: tem fumo, tem fogo e tem sangue: tem dores profundas, agonias sem nome e perdas irreparaveis. . . (*Muito bem*).

E' mister ser heróe para superar as contrariedades e os perigos, que nos cercão: e o *Parthenon* tem, como tudo quanto se eleva do nivel commum, inimigos, que na irresponsabilidade, que lhes garante a treva, fazem-lhe surda e minaz guerra. . .

Não fôra a dedicação d'esta nobre mocidade, de sua solícita e prestigiosa directoria. . . (*Muito bem, muito bem*) o desinteresse raro, em tempos de egoismo, como estes que correm, a quasi idolatria, que lhe consagrão alguns de seus benemeritos, e o *Parthenon* teria cahido trespassado de golpes como os martyres da sciencia nas soledades do paiz de Benin, como os martyres da fê esmagados sob as rodas do carro de Siva, como os martyres da patria immolados nos desfiladeiros das *Termopylas*!

Deveis lembrar-vos ainda: ha um anno, que d'esta mesma tribuna, honrado com o mesmo mandato, que ainda hoje a ella me eleva, e n'este mesmo dia, que assignala nos fastos esplendidos da historia d'esta inelyta provincia uma data gloriosa, que exuberando a esperanza d'alma, o peito tumido de jubilo, o labio inflammado ao verbo do enthusiasmo, eu vos disse, que após tanta dedicação e tanto esforço, tanta abnegação e tanto patriotismo, a dextra protectora do poder-se nos ia estender com a bolsa da esmola, que deveriamos distribuir áquelles, á quem a fortuna privara de seus sorrisos.

Foi isso um sonho. . . um prisma, que deslumbrou-me com seus cambiantes. . . foi uma miragem, que esvaceu instantanea, como os phenomenos do oceano indico, não quando desfazem-se em scintillações luminosas, derramando se em chuva de diamantino granizo, porem quando rebentão no som enorme da trompa da tempestade, entrecrocando o mar, o céu e a terra, como saiphudos gigantes, arcando em desordenada furia.

Esse auxilio, que o patriotismo de um grande cidadão impetrara ao governo, não para nós, que nunca o solicitamos, que ao contrario hemos até hoje d'elle honrosamente abnegado. (*Muito bem*) esse auxilio valioso, que deviamos distribuir no pão do espirito ás classes famintas de instrucção, que nos rodeião, como os pestiferos do grande exercito rodeavão as portas dos hospitaes de Java, esse auxilio, porque era de ouro, foi-nos negado com cruel avareza! (*Muito bem, muito bem!*)

Não lhe tínhamos talvez feito juz. . . E' possivel. A grandeza d'esta mocidade, que vemos aqui agrupar-se n'esta pinha preciosa, que não tarda a, desprendendo-se da arvore da familia, partir-se

derramando a nova geração, que deverá render nos postos avançados e substituir aquella, que declina ao poente da vida publica; esta mocidade, que é o orgulho e a esperança da patria; que é o braço vingador e ha de ser a cabeça directora dos destinos d'este paiz bem fadado por Deos... esta mocidade varonil e illustre é a primeira a reconhecer que nada tem feito, em sua grande, em sua exemplar, em sua indelével generosidade! (*Prolongados applausos*).

No entanto os fastos d'esta instituição avolumarão-se no registro de feitos meritorios, do mais nobre alcance, do mais util resultado, quaes os que tão brilhantemente relatou-nos em seu discurso o infatigavel e illustrado Sr. presidente do *Parthenon*; e tão publicos são elles, tão notorios, que me não demorarei em commental-os, e nem poder-me-hão taxar de immodesto por vol-os enumerar.

A creação do *Parthenon Litterario*, installado a 18 de Junho de 1868, por um pugillo de moços estudiosos e patrioticos, que reunirão-se formando um centro, a que deverião convergir as intelligencias e vocações que existião isoladas, esparsas por toda a provincia, para no commum esforço e cultivo applical-as, desenvolvellas, amplial-as nas multiplas e variegadas ramificações da sciencia, e pelo estudo e pela discussão estimular, illustrar, moralisar a mocidade, desviando-a, amparando-a do ocio, que a esterilisava, e subvertia-lhe as nobres aspirações.

A esta importante creação seguiu-se-lhe outra não menos valiosa, a da fundação de uma *Revista* mensal, que proporcionasse uma leitura proveitosa pela licção, util pela predica moral e patriotica, instructiva, elegante e attrahente pelo veridico ou imaginoso do assumpto, pelo bello e correcto do stylo. em que externarão o pensamento esses ardorosos talentos que a tem redigido.

A esse tempo recucetão-se as operações militares: entra a campanha do Paraguay em sua phase mais sanguinolenta e mais heroica, os dias assignalão-se por combates, os combates por actos de inxcedivel bravura e estes coroão-se pelas victorias mais esplendidas. Ahi n'essa thebayda pavorosa, a que um despota cruel reduzira um paiz, ahi onde os ultimos cidadãos de uma nacionalidade vencida pelas hostes libertadoras da alliança, erão espingardeados pelo Cromwel d'America, as armas brazileiras cobrião-se de immarcesciveis louros, os soldados e marinheiros do imperio da Cruz traçavão gloriosas epopéas, que o *Parthenon*, novo Homero, perpetuou em patrioticas strophes.

O theatro nacional não existia. O palco do S. Pedro transfermado em prostibulo maculava a divina arte. O vaudeville e a scena comica, primando pelo espirito das reticencias, do equivoco chulo, do trocadilho obsceno; o drama substituindo o merito lit-

terario e philosophico, pelo effeito do scenario, ou pelo esprezear do cancan, constituição o repertorio de um emprezario sem alma, que torpemente especulava com a immoralidade, que fazia rir a uma platêa, em sua mór parte pouco escrupulosa em applausos. . .

O *Parthenon* revolta-se. corre o mercador do templo da arte e levanta o theatro á altura de areopago, que o é, da arte encarnando a sublime triade do nobre, do justo e do bello. Os dramas nacionaes apparecem como por encanto, e o *Livro de Orações*, a *Magdalena*, *Risos e Lágrimas*, *Cham e Japhet*, *Mulher e Mãe* e outros de igual merito, não só constituem um vasto repertorio nacional, como quasi crião uma escola original rio-grandense. (*Muito bem*).

• Em seus assomos de enthusiasmo o *Parthenon* vê com lastima que o brilho das estrellas, que constellão o pavilhão do Cruzeiro, não derramavão o mesmo vivido e benefico raio de luz sobre todos os brazileiros, pois que alguns d'elles ainda gemião nas trevas da escravidão. . .

Crava os olhos além e vê no altar da patria, consignada em seu codigo essa lei iniqua e barbara, que legitima a propriedade de um homem sobre outro, o obelisco negro da escravidão, em cujo vertice tremúla a signia da propaganda humanitaria de Wilberforce e politica de Fox e Pitt, vê tambem a cruz outr'ora alçada por Las Cazas contra a tyrannia dos esclavocratas. . . e após alguns dias n'aquelle obelisco negro o *Parthenon* cinzela cincoenta estrellas, que devião presidir aos destinos de outras tantas consciencias, que elle resgatára, illuminando-as com o facho da liberdade!

Após começa outra obra meritoria: a creação de uma bibliotheca. A idéa é aceita, o *Parthenon* trabalha com afã e solicitude, elhoje possui uma, que, se não é a unica na provincia, digna de tal nome, é com certeza a mais selecta, a mais rica e a mais franca na offerenda dos inestimaveis thesouros litterarios e scientificos, que encerrão-se em seus 4.000 volumes graciosamente abertos á publica leitura.

A tribuna torna-se necessaria aos fins da associação. E' creada a tribuna, livre como a imprensa sua co-irmã, livre como o pensamento, que a anima, livre como deve-o ser a palavra doutrinaria; mas livre sob a responsabilidade moral daquelle que a occupa, e que á ella não poderá mais voltar, se uma vez a malbarateou. (*Muito bem*).

E o que tem sido a tribuna do *Parthenon*, meus senhores, está superior a tudo quanto possa eu dizer de encomiastico: ella excedeu a geral previsão. . . glorificou-se!

O sarão litterario, que se lhe seguiu logo, é lhe um accessorio

proprio e necessario, para que quando d'ella caia a palavra da verdade da historia e da philosophia, seja ouvida por uma assembléa sempre immensa. para que quando d'ella emane a sciencia na raudal luminosa, resvale conjunctamente a poesia e a musica na onda rythmada, que agita e embala as graciosas alcyones da fé, da esperanza e do amor nos mysterios da dança, que deleita, e das bellas artes, que seduzem, arrebatão e divinisaõ.

A tribuna é a rocha, que se levanta grave, severa, imperterrita do seio do oceano; o sarão é o mar, que lhe lança as conchas e algas para adornal-a, que a veste com as flores de nivea espuma, como a a morosa criança cobre de beijos a veneranda fronte de seus progenitores. (*Muito bem, bravos*).

Contaminado pelo positivismo do seculo, o *Parthenon* eternisa-se a pedra e cal, funda um arraial com seu esforço: traça no ponto mais aprazivel, salubre e pittoresco dos suburbios um futuroso nucleo de população e dá o nome de seus benemeritos ás ruas, que o subdividem, como uma homenagem á suas illustres memorias.

A abertura das aulas nocturnas, custeadas a expensas suas, é ainda um importante serviço, que presta o *Parthenon* ao paiz. N'essas aulas onde todos têm o direito de aprender gratuitamente, o ensino é ministrado por tão racional methodo e com tanta solicidade, que desde logo apresentou em seus alumnos um aproveitamento acima de toda a expectativa e de todo o elogio para o seu illustre e desinteressado director.

E finalmente, em seu anhelar sem termos, o *Parthenon* resolve crear um museo, onde a provincia se possa dignamente representar por suas riquezas, por suas artes e industrias, offerecendo um novo e vasto campo ao estudo das sciencias naturaes, e esse intento, meus senhores, vai se traduzindo na mais lisongeira esperanza, pois já o *Parthenon* tem reunido preciosissimo material e mantem a crença de que em tempo não mui remoto, essa idéa será uma brilhante realidade.

Mas tudo isto era ainda pouco, julgarão os altos poderes do Estado, para que nos devesse estender protectora mão... Teve razão: o *Parthenon* deve e precisa viver só por si e por seu esforço... o favor official é as mais das vezes ruinoso áquelle que o recebe... (*Muitos bravos*).....

Illustrado auditorio, comprehendo que tenho abusado de vossa longanimidade, fatigando-vos com minha palavra dissonante e tosca... (*Não apoiados*) Tenho essa convicção. A humilde personagem, que tão longamente vos preoccupou a attenção não tem outros foros que o recommendem a não ser a sua sinceridade e o enthusiasmo, que lhe insufflais na alma, vendo-vos concorrer tão solícita, tão splendidamente sempre, sempre que o *Parthenon*

vos invoca uma prova de sympathia e de adhesão á causa porque combate.

Em nome pois d'esta associação, eu vos agradeço o apoio, que lhe concedeis e a animação que lhe prestais.

A' illustre commissão da sociedade *Ensaio Litterarios*, digna irmã do *Parthenon*, o abraço fraterno e um victor entusiasta; e a vós, illustre sociedade musical *Brazileira União*, que tão sympathico concurso nos prestais, com os votos de nosso agradecimento vão aquelles que fazem os por vossa prosperidade.

Vivei e prosperai! O querer é poder, e a união faz a força: o trabalho honra, liberta e nobilita o homem; o homem n'estas condições é um cidadão; o verdadeiro cidadão é o sustentaculo das instituições e essas instituições que devem significar na letra da lei a justiça, a ordem e a liberdade, são a garantia da nação!

E se é verdade que a Providencia, quando as nacionalidades se atrophião, ergue d'entre os povos a idéa que as estimula, avigora e restabelece... se é verdade que nos grandes cataclysmas, que commovem e abalão as sociedades, ellas encarnão-se n'um grupo heroico de patriotas, que a defendem de precipitar-se na voragem... se essas idéas e esses patriotas são inspiração e feitura da divina sabedoria, é irrecusavel que nós, moidade, somos o Moysés, a quem está confiada essa missão providencial. (*Muito bem, muito bem. O orador é saudado por estrepitosas palmas*).

DISCURSO

PRONUNCIADO PELO SOCIO SR. AURELIO DE BITTENCOURT NA 7.^a
SESSÃO ANNIVERSARIA DO PARTHENON LITTERARIO

Passára totalmente a época em que as lettras tinham florescido n'esta terra querida do Rio Grande.

D'aquella mocidade pujante, que nas paginas do *Guahyba* vinha exhibir as opulencias do talento que lhes dera a Providencia, só existião poucos...

João Vespucio, Felix da Cunha, Capistrauo, poetas suavissimos, que na lyra inspirada cantarão as magnificencias da natureza americana, os primores d'esta estrella brilhante da terra do Cruzeiro, tinhão tombado bem cedo o corpo no chão do tumulo, emquanto a alma transmigrára á morada das alegrias sem fim.

Pedro Miranda desferia canticos, inspirados pela dôr e a solidão, encerrado na prisão de uma fortaleza...

Ignacio de Vasconcellos, ferido pelo espinho da descrença, atirára ao canto o alaúde de que arrancára hymnos magnificos...

Eudoro Berlink quebrára a penna de romancista, fechára a alma aos sonhos e ás phantasias da primeira idade, e lançára-se ao torvelinho da politica.

D'aquella geração, que em 1857 collocára os primeiros fundamentos da litteratura rio-grandense, uns tinhão sido atirados ao nada pela mão da morte; outros tinhão desertado ás suas posições porque sentião-se isolados de companheiros queridos e sem coragem de empenhar luta com o indifferentismo popular, esse phantasma que acóde logo que alguma cousa se tenta de util e de interessante.

Dormião as lettras rio-grandenses profundo somno. Emquanto isso levantava-se ás maximas alturas a fama guerreira da provin-

cia, chamada com razão a sentinella do Imperio. Abri ao acaso a historia d'essa longa lucta que se pelejou nas terras do Paraguay, e em cada pagina encontrareis um vivo testemunho do heroismo, dedicação e sacrificios d'esses gloriosos soldados, que emfrente dos perigos só tinham nos labios o nome idolatrado da patria.

Quando as seguranças da victoria não podião ser mais contraditadas, quando as legiões brazileiras tinham levado ás fileiras adversas a desmoralisação e a derrota, quando a grande alma da nação abrio-se emfim ás santas expansões do enthusiasmo e do jubilo pensou-se aqui que era tempo de fazer reviver a litteratura adormida.

Dado o grito de alerta, acudirão poucos — larga porção pagava ainda nas inclementes plagas estrangeiras o tributo que todo o patriota deve á terra que lhe foi berço.

Que importava porem o numero, se os animava a fé que enche os corações juvenis, se os illuminava o clarão da esperanza, que é guia dos que sabem querer?

Rio-se a turba da tentativa arrojada d'esse pequeno nucleo de moços, que pretendião resuscitar um cadaver. . .

Quem sois? O que quereis? Para onde vos encaminhais?

Somos a geração nova, que toma de hoje em diante armas para os certamens da intelligencia e do trabalho.

Queremos continuar a obra d'aquelles benemeritos que ao sol de dez annos passados fizeram brilhar os dois grandes instrumentos que hão de preparar a grandeza d'este seculo: a penna e a palavra.

Caminhamos para o progresso, caminhamos para a luz.

Æ nasceu o *Parthenon*!

A mocidade foi beijar reverente os tumulos dos lutadores cahidos em meio da romagem, pediu conselhos aos que sobreviverão e tinham as armas em descanso. . . e o *Parthenon* vingou!

Os materialistas recuarão attonitos do atrevido empreendimento; e a mocidade, grande pela força da vontade, forte pelos vinculos da união, offereceu combate e levou-os de vencida até sacalçar-lhes a voz maldizente e trocar-lhes o riso alvar em ovações estridentes.

Grandiosa luta foi essa!

Emquanto irmãos queridos batião-se lá fóra pela honra da patria, esse thesouro que devemos guardar illeso e immaculado; ao tempo em que elles levavão aos povos inimigos a luz fecunda da civilisação; os moços erigião aqui um templo ás lettras, e no alto plantavão uma bandeira, em cujo emblema se lia — Deos — patria — liberdade!

Quando os centauros rio-grandenses levavão ao cabo a sua obra, e os hymnos de triumpho, entoados do terreno da peleja,

vão reboar no ultimo recanto do imperio do Cruzeiro, os moços davão-se aqui á patriotica tarefa de restituir á liberdade innocentes criancinhas, que exprimião em lagrimas o seu agradecimento pelo beneficio que lhes era concedido.

Então o *Parthenon* teve a seus pés todos os que são capazes dos grandes sentimentos a apresentar-lhe as homenagens de seu enthusiasmo e admiração.

Engrossarão-se as fileiras, a animação dos primeiros alentou os ultimos, e unidos n'uma só vontade, tendo todos o mesmo objectivo, lá vão elles sen caminho, esses ousados athletas que dissiparão as caligenas do indifferentismo e fizerão voto de não parar na jornada emquanto não alcançarem a terra da promissão.

Salve! mocidade, que não conheceis a fadiga nem tens medida para os sacrificios. É preciso lutar — armas em posição : é preciso caminhar — a sarça da estrada pôde sangrar-vos os pés, mas nem vos abate a coragem, nem vos enfraquece a fé, nem vos diminue o ardor para vencer as distancias e realizar aquillo a que vos propondes.

Hoje, que por entre galas e esplendores se festeja o teu 7.º anniversario, oh benemerito *Parthenon*, permite que o mais pobre d'aquelles que te vio nascer, traga a este verdadeiro palacio de fadas as pallidas flôres de uma intelligencia que só pôde ser grande se a illuminar o clarão de tua luz.

DISCURSO

PRONUNCIADO PELO PRESIDENTE SR. FIRMIANO ANTONIO DE ARAUJO
NA 7.ª SESSÃO ANNIVERSARIA DO PARTHENON LITTERARIO

Senhoras e senhores.

O *Parthenon Litterario* hoje, pela setima vez, abre a sessão litteraria commemoradora de sua existencia, e o faz jubiloso vindo em vossa adhesão e concurso o enthusiasmo e a sympathia que o animão e o ennobreccem.

Quando o homem lançado sobre a terra, ergue-se indifferente sem sequer inquerir qual a missão, que lhe foi confiada; quando percorre a senda cujos marcos são o berço e o tumulto, sem ter feito um só beneficio, passa como uma lufada tepida que marêa o horisonte, passa esteril como a espuma que levantada no oceano pelo embate dos escarcéos é por elles dispersada e extincta; mas quando erguendo-se sobre a altura de sua missão providencial e se consagra ao estudo da natureza e de si mesmo; quando da natureza e da sociedade desentranha o typo de perfeição, de progresso e de liberdade, e pauta por elle a senda em que os povos devem marchar desassombrados em busca de um ideal aperfeiçoando-se pelo estudo e pela pratica da virtude, eleva-se no conceito de seus concidadãos, ennobrece a patria com sua benemerencia, e tem as bênçãos da humanidade por apothéose.

Ô *Parthenon* tem lutado com heroismo; batalhando tem avançado; mas o terreno vencido é ainda limitado para descrever o grande gyro do porvir.

Bravia e embaraçosa era a senda que devia trilhar, mas no curto estadio percorrido, assignalou-se brilhantemente.

Assim, a sua historia registra :

A creação de um nucleo litterario, fóco a que convergem as vocações, em que se gladião as intelligencias, em que finalmente a mocidade trabalha e estuda ;

A regeneração do nosso theatro ;

A creação de uma crescente bibliotheca ;

De uma *Revista* illustrada ;

Das aulas nocturnas ;

Dos saráos com prelecção ;

A fundação do seu arraial.

Cedendo a seu nobre impulso o *Parthenon* desce aos ergastulos, acompanha ao tribunal e defende o desgraçado sujeito á vindicta da justiça ; e após empenha o seu esforço em prol da escravidão e arranca do captiveiro a quarenta e cinco consciencias, a quarenta e cinco brazileiros ! e assim precede e prepara o espirito publico da provincia para receber com enthusiasmo a humanitária lei de 28 de Setembro.

Entretanto, não cré o *Parthenon* ter grandes titulos adquiridos ; em seu anhelar de glorias, são poucos os trophéos conquistados, porque as suas aspirações são immensas ; apenas pensa ter encetado a missão a que se destina ; e se algo autorisa essa crença é, illustrado auditorio, o apoio, a sympathia e o enthusiasmo com que o acolhestes sempre, e que ora se manifesta em tão honrosa e esplendida evidencia.

DISCURSO

PRONUNCIADO PELO ORADOR DA SOCIEDADE EN-
SAIOS LITTERARIOS SR. GUSTAVO CEZAR VIANNA FILHO, NA 7.ª SES-
SÃO ANNIVERSARIA DO PARTHENON LITTERARIO

Sr. Presidente, minhas senhoras, meus senhores.

E' um dever de todo brasileiro crer no brilhante destino d'este paiz, e quando admiramos esta natureza, magestosa, gigante que nos cerca, quando vemos estes rios oceános, estas montanhas que parecem querer escalar o céu, quanto mais reflectimos finalmente sobre todas as condições physicas, moraes e intellectuaes d'esta abençoada região descoberta por Cabral, mais nos compenetramos de uma verdade: de que o Brazil está talhado para grandes destinos, que é aqui que na phrase do sabio allemão, ha de um dia concentrar-se a civilisação do globo.

E' um dever, portanto, de todo brasileiro que sente arder-lhe no coração o fogo sagrado do patriotismo, envidar todos os esforços, trabalhar com affinco, com denodo, para que este paiz atinja o mais breve possivel ao lugar eminente que a Providencia lhe reservou nos arcanos do porvir.

A' mocidade está por sem duvida confiada uma gloriosa missão: — a de velar pelo futuro e pela grandeza d'este paiz —, e ella compenetrando-se d'este papel importante, ainda não recusou immolar a vida nos campos de batalha, nunca a patria appellou em vão para ella, em todas as lutas, em todos os commettimentos, que não a achasse sempre firme em seu posto de honra.

Ultimamente um grande movimento se observa por todo o imperio; sim, não ha negal-o, parece que a hora magica do comba-

te souu, e por toda a parte, a mocidade com aquelle ardor é fé com que os peregrinos da idade media ião á conquista da Terra Santa, em busca das reliquias do Calvario, levanta-se entusiasta e ardente para as lutas nobres e elevadas do pensamento

Por todas as provincias a instrucção desenvolve-se, progride, avança á passos largos, fundão-se jornaes, bibliothecas, abrem se aulas nocturnas, inaugurão-se conferencias publicas e formão-se associações litterarias, onde os moços depois dos labores da vida usual ensaião seus primeiros passos, onde suas almas se expandem por meio da discussão: são aguias implumes que ainda tentão os primeiros vôos e medem o espaço que tem de atravessar; e todos trabalhando tem por divisa — a instrucção — d'orde ha de vir a regeneração d'este paiz e todos se confundem nas mesmas aspirações; — a felicidade e a grandeza da patria.

O Rio Grande do Sul, acompanhando este movimento, é justo confessar com orgulho, não tem feado a quem de suas irmãs; elle tem mostrado ultimamente que não é só perante o inimigo que pôde conquistar a reputação de que se ufana e que, se na guerra os seus filhos conquistão o applauso e a admiração dos povos, na paz também talhão uma pedra para o grande monumento da litteratura.

Assim, o dia 18 de Junho de 1868 marcou para sempre uma data memoravel nos annaes d'esta provincia.

N'esse dia, alguns jovens entusiastas e patriotas, avidos de luz e de gloria, reunirão-se e lançarão as bases de uma modesta associação.

Era o *Parthenon* que surgia e desfraldava a sua bandeira n'este torrão abeuçoado, onde as auras ainda sussurrão aos ouvidos os feitos de uma geração homérica, que durante dez annos obrando prodigios de valor, combateu gloriosamente pela mais nobre e mais santa das causas — a da liberdade!

Sempre, senhores, que se trata de plantar uma nova idéa, conta-se com a luta; e o *Parthenon* teve de sustental-a renhida, de arcar ao peso de mil difficuldades; por toda a parte surgirão lhe esses phariseus litterarios, incumbidos na phrase de um poeta « de apontar o caminho do Calvario áquelles que inaugurão os seus primeiros passos na senda das lettras; mas esses moços, crentes no futuro da causa santa porque batalhão, cheios de fé e alentados pelo fogo sagrado do patriotismo, nenhum só instante sentirão o gelo do desanimo entibiar-lhes os passos em sua romagem; e não desanimarão, porque também sabião que o Amazonas, esse rei dos rios, é um humilde e pequeno ribeiro em sua origem, mas depois de um longo curso se lança altivo no oceano e o faz recuar dezenas de leguas!

A luta que esta sociedade teve de travar contra a descrença de

nns e o indifferentismo de entros, não foi mais do que esse combate desesperado de sempre, da luz contra as trevas, da materia contra o espirito; mas, sabeis, senhores, que a materia perece, morre, e o espirito que é immortal, vive, permanece, e atravessando os seculos, á luz dos clarões que despede, ha de sempre guiar a humanidade ao porto glorioso de seu destino!

Assim, a multidão que um dia assistio ao supplicio de Gilbert, que presenciou e applaudio na praça publica a morte de Chenier, dorme ha muito o somno profundo da morte; mas, seus nomes, astros esplendidos de gloria, fulgem radiantes nos céos da posteridade!

E' que nas lutas da intelligencia, o martyr apupado de hoje é o heróe laureado d'amanhã.

E, senhores, são sempre bellas essas lutas do talento, lutas elevadas que ennobrecem, onde todos são vencedores; porque cada louro que se conquista, cada passo que se dá, é um novo triumpho que se alcança para si e para a patria; e quem uma vez se deixou arrastar pelo fulgor magnetico d'essa estrella que se chama litteratura, quem prestou ouvidos aos cantos d'essa sercia que nos seduz, attrahe e fascina, não pára nunca, caminha sempre como o Judeo da lenda até chegar ao porto da cidade encantada, até bater ás portas da terra da Promissão.

Sim, é para lá, que nós os moços, os sonhadores, dirigimos os nossos passos, lá ondê o sol, como alguem já disse, tem mais raios de ouro que o do templo idolatra do Cuzco gentio.

Seria longo, senhores, acompanhar passo a passo o caminho percorrido por esta illustre associação, seguir a esteira luminosa que ella tem deixado em sua passagem; assim é que comprehendendo que nenhum maior serviço se pôde prestar ao povo do que tratar de sua educação intellectual, base de toda a sua grandeza e felicidade, o *Parthenon* abriu aulas nocturnas para derramar a instrucção sobre aquelles que d'ella estavam privados, pela sua pobreza ou affazeres, elle mostrou-lhes essa luz benefica, que é o verbo derradeiro da liberdade, do trabalho e do progresso, que é a alampada que dissipa as trevas da ignorancia e illumina os sagrados direitos do povo; e ainda fez mais, vendo a mulher entre nós, quasi ignorante sem conhecer os seus direitos e deveres, nem a sua divina missão, instituiu o sarão litterario, creou a tribuna das prelecções como o meio mais facil, mais prompto e effizaz de se conseguir esse desideratum, de se instruir a mulher, essa obra prima da creação, a mulher de cuja educação depende a da infancia e portanto o futuro d'este bello paiz.

Um dia, porém, quando o *Parthenon* lançou suas vistas sobre a causa da humanidade, então, no livro de seus triumphos, escreveu a sua pagina mais gloriosa.

Nós o vimos como um mendigo sublime, de porta em porta esmolando o obulo da caridade e convidando o povo generoso d'esta terra para um espectáculo edificante.

Erão 50 innocentes criancinhas, de cujas fronte arrancava o ferrete ignominioso da escravidão para fazel-as respirar o ar da liberdade, erão 50 consciencias opprimidas que elle resgatava da mais estúpida das tyrannias para dar á patria 50 cidadãos!

Muito tendes batalhado, senhores, e como disse, seria longo narrar todos os importantes serviços que haveis prestado durante estes 7 annos á causa das lettras e da humanidade; por tantos feitos, eu vos saúdo com toda a effusão de minh'alma de moço e em nome dos *Ensaíos Litterarios*, vossa co-irmã, de quem n'este momento sou o mais obscuro interprete.

A vossa missão, porém, é grandiosa e a tarefa de que vos incumbistes ainda não está concluída; cumpre leval-a avante apesar de todas as difficuldades, de todos os obstaculos que surgirem.

Lembraí-vos que como os segadores da Biblia, vos tendes contrahido um compromisso solemne: — o de depôr nas aras d'este paiz os fructos de vosso talento e de vosso trabalho.

A jornada é longa, bem o sei, e a estrada cheia de abrolhos, mas não ha que desanimar, porque em breve todos os vossos esforços serão amplamente compensados.

E se o dia d'amanhã não romper esplendido para vós, se os raios de um sol de fogo não vos dourar a pallida e pensativa frente, porque talvez vos ache envoltos no pó dos mortos, que importa, senhores? ao menos, os vossos vindouros, os operarios que vos succederem n'esta grande empreza hão de abençoar-vos a memoria, porque tereis deixado em vossa passagem um rastro luminoso como esses sulcos phosphorecentes que os navegantes deixão na face do Oceano...

Trabalhai, portanto, com ardor, com enthusiasmo.

O futuro é da mocidade que trabalha, e pois, mocidade esperançosa do Rio Grande, armas ao hombro, em marcha para o futuro!

DEOS

Deos! ? profundo mysterio que domina
O espaço e o tempo, a luz e a treva, e os mundos
Dos céos esparsos n'amplidão sem termo!
Causa fecunda que não teve causa,
Que em si concebe, em si modela os orbes.
E essas mysticas leis que á vida os prendem!

Deos! ? voz tão breve ao balbutir dos labios,
Como timida nota que resôa
Na lyra, cujas cordas frageis dedos
De leve ferem, tremulos, a medo!

Fiel, pura expressão do pensamento
N'um oceano de luz que dá vertigens!
Imagem do infinito no finito,
Fascinações trazendo a seu lampejo,
Mais que ás retinas sobre o sol fitadas!
Gotta d'agua que os céos em si reflecte,
Desfazendo se em chispas deslumbrantes!
Immensa luta no sacrario d'alma,
Torvelinhar de ideias que se embatem,
Enthusiasmo, admiração, terrores,
Alegria, pezar, aneio, espasmo,
Prodigio após prodigio em cada instante!
Vacilla a mente humana e ao labio foge
Mal formada palavra: Deos! sómente!

Deos! ? Desde a petala do branco lyrio
Até o tronco dos titães da selva,
Desde a montanha sobraçando a nuvem
Até o sol que a immensidade mede,
Teu nome eu vejo cinzelado em tudo.
Desde os accordes de fagueira brisa
Até os silvos do tufão tremendo,
Desde o riacho a murmurar na margem
Até a vaga a s'estorcer na duna.
Teu nome eu oiço repetido em tudo.

E no emtanto, quem és, que em vão procuro
Ter uma concepção que a ti semelhe?

Eu nada sei ! . . . Porém és forte e grande,
Tão grande, que nem posso conceber-te !

Apenas sei que existes ; tudo ostenta
Em indeleveis traços teu dominio.
Mas onde e como ? Nada o diz, nem ouzo
Por esta senda aventurar meus passos ;
Balizas tenho em minha propria essencia.

Ah ! Se me fôra dado a mim que vivo
Na estreita arena d'um planeta humilde,
A mim, fraca vergonhea, pobre argueiro,
Que um divo pensamento eleva e anima,
Mas em luta incessante a debater-se
A cada grão que da ampulheta tomba . . .
Ah ! Se me fôra dado vêr-te o rosto,
Não fôras Deos, e teu rival eu fôra ! . . .

Vaidade das vaidades, louco sonho,
Que no genero humano a febre gera !
Elle que cada lauda dos seus fastos
Comprou-as por mil annos de trabalhos,
E sciencia oscillante trausfundida
Em hypotheses falsas, graves erros,
Elle nega-te á face do Universo !
Calca no orgulho insano os santos dogmas
Da verdade, do bello, da justiça,
Da liberdade, da razão sublime ;
Pois quem recusa um Deos, recusa tudo.

E o Universo levanta-se n'um brado
Contra os athêos e as gerações bastardas
Que d'esta vida para sempre exilão
A aurora da ventura e o calmo somno ;
E a crença esfolhã d'um porvir risonho,
Alem ! . . . Alem ! . . . por ignorados édens !
Alem ! . . . Alem ! . . . por luminósas zonas !
Jardins florentes, ascendente escala,
Por onde exalta-se a substancia etherea
De progresso em progresso, sempre avante,
Até sumir-se do architecto augusto
No seio immenso ! . . . E' illusão ! ? Quem sabe ?
Mas suave consolo, rócio d'alma,
Nas phases d'a existencia sobre a terra ;
Ledo fanal que surge, guia e salva,
Qual protector santelmo nas tormentas,

Em que desmaia o coração em ancias,
E' proximo o naufragio e a morte certa.

Adoradores da materia informe,
Inerte, sem alento; iconoclastas,
Que, a Deos, dos capiteis aos céos alçados,
Por terra derrubais, idolos futeis,
Ocos phantasmas, filhos do desvairo,
Erguendo em seu lugar, que audacia é esta?
De que vos serve o estudo sem descanso,
Que tanto blazonais? Pela sciencia,
Vossa força e broquel, não sois apenas
A derradeira folha do planeta,
A derradeira em data, não a ultima,
Que a génesis não pára, marcha sempre,
E n'outra crise ás contracções do globo,
Outro ente mais completo mais perfeito,
Virá na nova scena e nova vida
Tomar vosso posto e vossos titulos?

Homem, o que sois pois? Um elo fragil
Que prende os idos tempos ao futuro...
E d'outras creações ligeiro esboço!...

Mas o atomo s'agita, se rebella
Contra seu creador que o sublimára,
Imprimindo-lhe á frente sello augusto.

E o faz, diz elle, em prol do ser pensante,
Pois quer emancipar-se, quer ser livre!

O' sciencia de fatuas lentejoilas,
Vos abomino, que trazeis a morte
Ao coração que sente, ás almas castas!

E se o ser sabio pede apostasias,
Apaga as crenças, mata a consciencia,
O' adeus para sempre, caros livros,
Meus companheiros e fieis amigos!
Saudoso fico, mas não mancho a tunica
De homem e cidadão, desejo-a pura.

E tu, penna, que amei em aureos dias,
Nada vales!... profanas, emmurcheças,
Tisnas ao teu contacto!... e eu te quebro!...
Amo só instrumentos que edificação
E não terríveis armas que destróem!

E para meu consolo empunho o plectro,
Quero a lyra vibrar, quero poêmas,
Roseos sonhos, doiradas phantasias;
Quero unir minha voz á voz de tudo:
Aos astros, ás montanhas, aos regatos,
A's flores que desbrochão, ás florestas,
Aos passaros trinando alegremente,
Ao Universo inteiro que hymnos tece,
E louvores a mil ao — Ser Supremo.

IRIEMA.

¹ Recitada na 7.^a sessão anniversaria do «Parthenon Litterario», pela Exm.^a Sr.^a D. Florisbella Leite de Castro.

18 DE JUNHO :

Lúridas nuvens pelo céu rolando
Vão da noite os negrumes dissipando,
N'alvorada gentil;
Rútilo sol transcende no horisonte
Do Brazil inundando a meiga fronte
De luz em raios mil.

Extrâneos echos percorrendo passão,
Que alem na voz da tuba s'entrelação
N'um hymno festival;
Marcando luminoso itinerario,
Desoito sobre o mundo litterario
Assoma triumphal.

A' sombra de uma idéa sacrosanta

Ativa a mocidade se levanta
Olhando p'ro porvir.
E no caliginoso nevoeiro
Tem por guia as estrellas do cruzeiro
Tão bellas no fulgir.

Salve ! do futuro oh ! mocidade
Que desfraldaste ao som da liberdade
Titaneo pavilhão !
Atirando da gloria ao pantheon
Mais um nome que diz o — Parthenon
Nos fastos da nação.

Gigantes vultos de passadas eras,
Erguei-vos do cháos d'essas chimeras,
Que a louza vos contem.
O templo dos ousados viandantes
Se illumina de raios cambiantes,
Vinde a festa também.

Desperta Affonso Marques d'esse somno,
Que te prostrou no lôbrego abandono
Da campa n'aridez.
Desoito hoje te chama pressuroso
Debruçado na tumba lagrimoso
Da tétrica mudez.

Transcende, Nery, o espaço do horisonte
Onde triste amergeste angusta fronte
Desprende-te do céu.
Ferreira Neves despe esse marasmo,
Que hoje é dia de santo entusiasmo,
Declina ao braço meu.

Mas, silencio !... não turbemos
Quem dorme na paz da campa,
Reine alegria na festa,
De gala vista-se o pampa,
E no caminho da gloria
Siga a mocidade avante,
Deixando após si brilhante
Epopéa para a historia.

Desfraldando ao som dos ventos
Pavilhão de luz e crença
Sobre o cháos da indiferença
Da instrucção erga se a tenda ;
Segui ousados romeiros ;
Corajosos caminheiros
Buscai do futuro a senda.

Extrâneos echos percorrendo paixão
Que além na voz da tuba se entrelação
N'um hymno festival.
Marcando luminoso itinerario
Desoito sobre o mundo litterario
Assoma triumphal.

A. TOTA.

1875.

* Recitada na 7.ª sessão anniversaria do «Parthenon Litterario», pelo autor.

UM VELHO SOLDADO *

Sob o traje da miseria
Tristé, magro e macilento
Um velho estendia a mão ;
E quando a esmola lhe davão,
Os seus olhos se inundavão
Das lagrimas da afflicção.

Fôra um bravo ! Tantas vezes
Pela patria a vida dera,
Dos combates no fragor ;
Mas em paga dos exemplos
De valor e de heroismo
Sorve agora o dissabor.

Fôra um bravo ! Nobre tronco
Carcomido pelos annos,
Mas ao solo inda fiel.
Se a patria lhe foi ingrata

Ninguem sabe... não se queixa
No seu tormento cruel.

Sem tecto e sem familia...
Já velho e sem um amigo,
Que todos elle perdeu,
Nada mais hoje lhe resta
Senão o beijo da morte,
Senão a vida do céu.

Vira nas brumas da guerra
No meio de renhidas lutas
A cabeça embranquecer
Ah ! inditoso soldado !
Porque ahí o anjo da morte
Não pôz termo ao teu viver ?

Do que te servem as fitas

Presas ao peito da farda,
Como os sellos de um braço?!
São fóros de uma nobreza
Que não se vende nas praças,
Mas que exprime maldição.

Se não fosse, como ver-te
Coberto d'esses andrajos
Pelas ruas a esmolar! ?
Oh! mais ditoso tu fôras,
Se morreras pelejando,
Do que hoje sem pão, sem lar.

Antes mil vezes a morte,
Embora na terra estranha,
Pois a patria estranha é.
Se deixa morrer seus filhos
Na miseria, ao desamparo,
Sem leito, sem pão, sem fé.

Oh! meu Brazil, meu berço
Patria augusta dos Andradas,
Throno aureo da liberdade,
Estrella que brilha e fulge,
Sempre bella e radiante,
Dos céus ua immensidade ;

Não te voto meus louvores,
Esconde teu rosto, escuta
A minha condemnação :
« Quem não preza as suas glorias,
« E não busca ennobrecel-as,
« Não merece ser nação. »

ACHYLLES PORTO ALEGRE.

³ Recitada na 7.^a sessão anniversaria do « Parthenon Litterario », pelo autor.

CHRONICA

18 DE JUNHO. — Realisou-se n'esse dia, no espaçoso salão da Bailante, a sessão magna, commemorativa do 7° anniversario do Parthenon.

A esta festa comparecerão S. Ex.^a o Sr. Presidente da provincia, commandante das armas, chefe de policia e outras autoridades e o que de mais luzido conta a capital.

No fundo do salão, erguia-se entre duas columnas de livros, rematadas por dous globos geographicos, uma grande tela, representando a deusa da sabedoria e a imagem do aborigena do Brazil, estreitados n'um doce amplexo. O trabalho artistico foi confiado á mão intelligente do Sr. Grasselli, que o executou a medida dos desejos da associação.

Sobre o painel, protegido pelas dobras dos pavilhões nacional, e de Portugal e Allemanha, lia-se em letras doiradas a data gloriosa em que se fundou o primeiro nucleo litterario na provincia.

Em volta do salão corrião grandes festões de flores sobre o fundo de variegadas sanefas, e adornavão as columnas os matizes das bandeiras dos paizes amigos.

Trez bandas de musica tomarão parte na festa.

Ao terminar a ouvertura da orchestra do nosso caro maestro Mendanha, o Sr. presidente Firmiano Antonio de Araujo abriu a sessão proferindo um discurso analogo ao acto; sendo cantado em seguida o hymno da sociedade. As letras do hymno são da lavra do nosso amigo Hilario Ribeiro e a musica, composição do nosso consocio, o intelligente e distincto professor de musica Lino Carvalho da Cunha.

Cantarão o hymno as Exm.^{as} Sr.^{as} D. Patricia Vieira Lima, D. Maria José Martins, D. Maria Luiza Gomes e D. Amanda Olinto.

Forão recebidas com as formalidades do estylo a commissão dos Ensaios Litterarios e a corporação da União musical brasileira.

O Sr. Gustavo Vianna, como representante dos Ensaios, n'um inspirado e bello discurso, rememorou os serviços do Parthenon louvando-lhe o nobre esforço, e a heroica norma que tem tido em sua existencia.

Seguirão-se depois na tribuna as' Exm.^{as} Sr.^{as} D. Luciana de de Abreu, D. Florisbella de Castro Assumpção, e os Srs. José Bernardino dos Santos, Apelles Porto Alegre, Aurelio de Bittencourt, Baptista Pereira, Augusto Totta e Achylles Porto Alegre, recitando os dois ultimos produções poeticas e os primeiros discursos apropriados á festa que se celebrava.

Finda a sessão prorompeu o baile que terminou as 3 horas da madrugada, reinando sempre o maior enthusiasmo.

FAGUNDES VARELLA. — Estava-se imprimindo na Côrte um poema do illustre fluminense com o titulo — *Anchieta ou o evangelho das selvas.*

O apparecimento do novo trabalho do saudoso poeta, será sem duvida, um verdadeiro acontecimento no mundo das lettras.

N'este commettimento o talento de Fagundes Varella deve transparecer mais radiante de luz e de vida. O assumpto abraça horisontes mais dilatados, é de mais folego e por isso mais accessivel aos vãos de sua imaginação ardente e vigorosa.

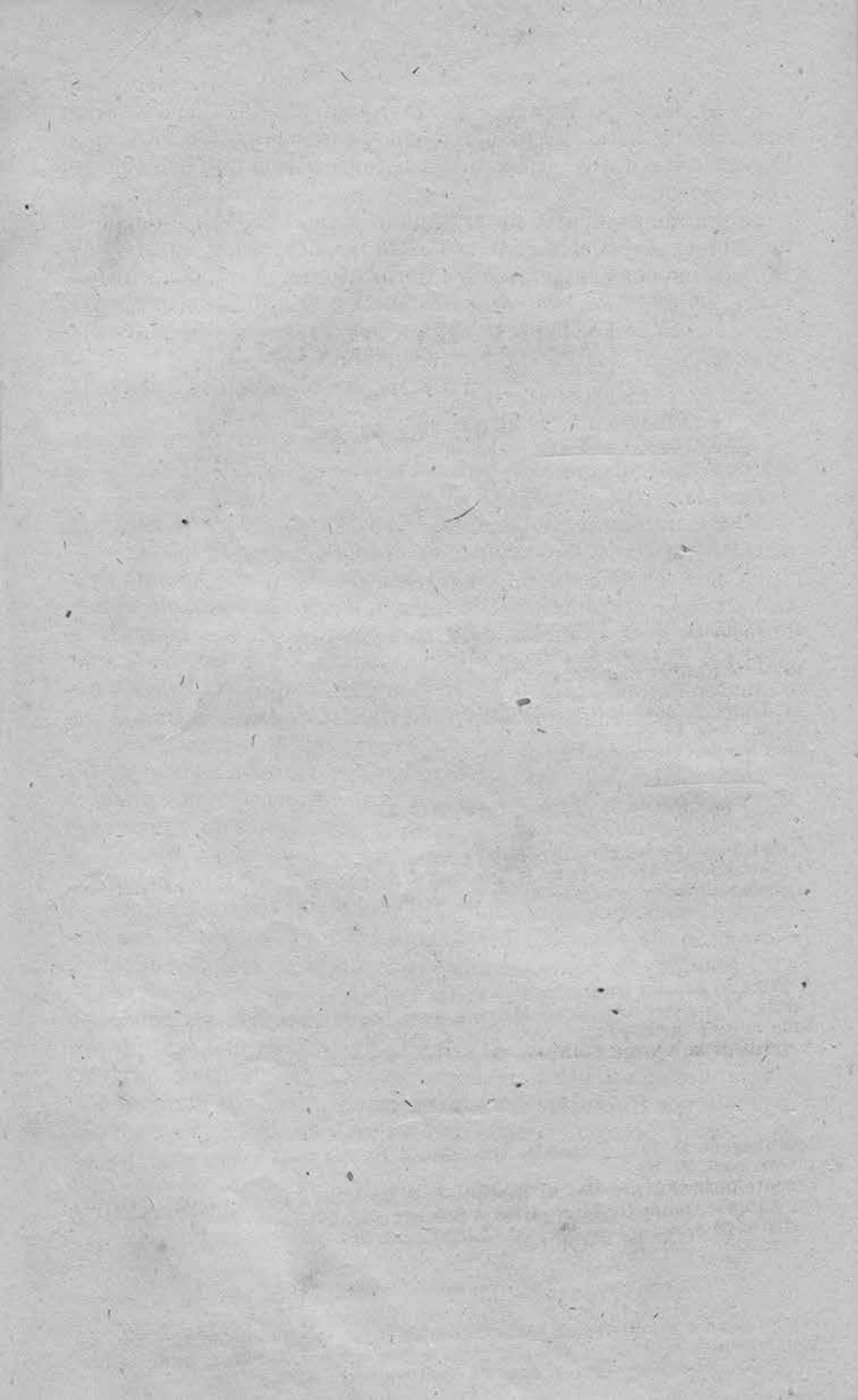
Circumscrevendo-nos a esta simples noticia, esperamos ansiosos o apparecimento do livro do illustre poeta para termos um novo ensejo, de chorar sobre a lapida que cobre seu cadaver.

POLYMNIA — Com este titulo creou-se uma nova associação litteraria, n'esta capital, da qual é seu presidente o nosso amigo José de Sá Brito, um dos levitas mais incansaveis da renascença litteraria da provincia.

Cheios do mais ardente enthusiasmo saudamos os novos companheiros, que estendem as suas tendas de trabalho no arraial abençoado da republica das lettras, onde não se gladião as paixões cruentas da politica e não se succumbe de tedio, de desalento e desesperança.

Caminhai, pois, e que em vossa longa peregrinação, uma boa estrella vos guie sempre, de triumpho em triumpho, é o que vos deseja de coração o Parthenon, que se não vos pôde servir de exemplo nos fructos de seu esforço intellectivo, vos dará por certo, o mais heroico exemplo de uma vida de abnegação e sacrificios.

BIOGRAPHIA — No proximo numero daremos á estampa a do distincto poeta Fagundes Varella, confiada ao nosso talentoso consocio Hilario Ribeiro.



INDICE DA REVISTA

1° SEMESTRE DE 1875

RETRATOS

Dr. Domingos J. G. de Magalhães— J. Weinguertner	{ N. 1
Dr. Luiz Alves Leite de Oliveira Bello	» N. 2
Dr. José Ricardo Pinheiro de Ulhôa Cintra	» N. 3
Dr. Antonio Gonçalves Dias	» N. 4
Dr. Laurindo José da Silva Rabello	» N. 5
Casimiro de Abreu	» N. 6
Luiz Nicoláo Fagundes Varella	» N. 6

PRELECCÖES

- A instrucção e o seculo—Dr. Oliveira Bello, pag. 1.
O ensino livre—Apelles Porto Alegre, pag. 72.
O ensino obrigatorio—Aurelio de Bittencourt, pag. 211.

CONTOS

- A Filha do capataz (continuação)—Victor Valpirio, pag. 21.
Serões de um tropeiro (idem)—Daymã, pags. 55, 107, 145, 185.
Uma noite á bordo—Damasceno Vieira, pag. 62.
A queda de uma virgem—Vasco de Azevedo e Souza, pag. 177.

BIOGRAPHIAS

- Tenente-general José Fernandes dos Santos Pereira — Dr. Fausto A. de Souza, pags. 39, 93.
Tenente-general Bento Manoel Ribeiro—J. J. Machado d'Oliveira, pags. 114, 139.
Dr. Antonio Gonçalves Dias—Hilario Ribeiro, pag. 131.
Casimiro de Abreu—Achylles Porto Alegre, pag. 207.

ESTUDOS SCIENTIFICOS

- Topographia e ethnographia — Ibiucui-retan — Dr. Caldre e Fião, pag. 125.
Apointamentos historicos, topographicos e descriptivos da cidade do Rio Grande (continuação)—Carlos Eugenio Fontana, pag. 188.

II

DRAMAS

Ladrões da honra—Iriêma, pags. 161, 194.

ROMANCES

Hylda (conclusão)—Achyllles Porto Alegre, pag. 222.

POESIAS

Recitativo á duo—Pedro de Miranda, pag. 29.
Gabylla, poema (continuação) — Iriêma, pags. 31, 83.
Na floresta—Damasceno Vieira, pag. 33.
Ao genio—A. Totta, pag. 84.
O incognito—Dr. Caldre e Fião, pag. 85.
Flôr occulta—F. A. Ferreira da Luz, pag. 88.
O canto do cysne—Dr. Caldre e Fião, pag. 128.
Martyrio—Caius Gracchus, pag. 135.
A' liberdade—Mucio Teixeira, 136.
O adeos—Dr. Caldre e Fião, pag. 180.
Mãe—F. A. Ferreira da Luz, pag. 181.
Um sonho—Maria Luiza Leal, pag. 183.
Impressões—Silvino Vidal, pag. 226.
Uma saudade—Manfredo, pag. 228.
Deos—Iriêma, pag. 259.
18 de Junho—A. Totta, pag. 262.
Um velho soldado—Achyllles Porto Alegre, pag. 264.

DISCURSOS

Proferido no 7º anniversario do Parthenon—D. Luciana de Abreu, pag. 231.
» » » Appelles Porto Alegre, pag. 235.
» » » José Bernardino dos Santos, pag. 243.
» » » Aurelio de Bittencourt, pag. 250.
» » » Firmiano A. de Araujo, pag. 253.
» » » Gustavo C. Vianna Filho, pag. 255.

CHRONICAS

De Janeiro—A. Totta, pag. 34.
De Fevereiro—C. Kraemer, pag. 90.
De Março—138.
De Abril—184,
De Maio—Manfredo, 223.
De Junho—Manfredo, 266.

guma com as doutrinas e principios que elle proprio proclama nas introduções de seus livros. De todos os methodos é este o menos racional, e consequentemente o mais complicado para intelligencias bizo-nhas e incultas, para o tirocinio da infancia.

As fórmulas etymologicas tenho para mim que são pezadas cadeias que entibião o rapido desenvolvimento do espirito em seus primeiros esforços para illustrar-se.

Os proprios romanos reconhecião esta verdade, e Augusto, o protector das artes e sciencias, o contemporaneo de Virgilio, Horacio, Cice-ro, Tito-Livio, Tacito, Plinio, homem de apurado gosto e fino tacto que conseguiu gravar seu nome no frontispicio d'uma das poucas epo-cas litterarias do mundo, assim o pensava.

Diz o Dr. Abilio no prologo do *Terceiro livro*, tratando dos ac-centos :

« N'este ponto muita razão acho nos inglezes, os quaes de sua linguagem eliminarão todos os accentos. »

Semelhante asserção é prova da ignorancia da indole tão differente das duas linguas.

O inglez formado principalmente de elementos latinos e gothicos, na pronuncia não herdou as feições caracteristicas de seus progenito-res. Como accentuar-se-ião as palavras *goal*, *line* e *linen*, que se pronunciação *dgele*, *laine*, *línine*?

Se o accento não serve para a quantidade prosodica ou valor tonico, não sei qual a sua utilidade.

O inglez não tem regras fixas para a pronuncia de suas vogaes e diptongos. Possui vocabulos que escriptos tem menor numero de syllabas-do que, quando pronunciados, e vice versa.

Para accentual-os, tornar-se-ia imprescindivel crear um novo sys-thema de signaes, como fazem os dictionarios relativamente a sua pronunciação.

O que no inglez é natural, em nossa lingua seria defeituozo, con-trafeito, confuzo.

Porque o Dr. Abilio ha de escrever a conjunção *mas* e o qualifi-cativo *más*, da mesma maneira? Acazo é identica a vibração da voz no *a* de *mas* e no *á* de *más*? O som não é fechado em uma e aberto em outra? Sem o descrimen não temos a dezordem?

Que differença estabelecer-se-ia entre as trez palavras : *sabia*, ad-jectivo, *sabía*, verbo, e *sabiá*, substantivo, sem o accento? Entre : *para*, prepozição, *pára*, verbo, e *Pará*, substantivo? Entre *se*, *sé*, *sé*?

Porque não omittiria tambem o *til* que é o signal graphico de na-salidade?

O homem de espirito culto desprezará o accento; mas pôde fazel-o do mesmo modo a crianca que tacteia em trevas?

Não é uma lucta diaria, continua para acertar com as inflexões proprias a cada palavra que articula?

E no entretanto com os dois accentos circumflexo e agudo, e uma pequena explicação fica ella senhora de todos os segredos da pronuncia.

A meu ver n'um livro escripto exclusivamente para a infancia, devia-se ter em vista o seguinte: As palavras graves que formão o grosso dos glossarios da lingua, virião sem accentu, excepto n'um ou n'outro cazo para evitar equívocos, como em: acerto, substantivo, acérto, verbo; as agudas e exdruxulas, que constituem, mórmente a ultima classe, diminuto cabedal, o trarião sempre. Tambem não posso concordar com a substituição do diptongo *ão*, posto que breve, por *am*. Sei que egregios talentos escrevem assim para discriminar as dezinencias dos verbos, que ora são longas, ora graves, conforme os tempos.

Se a reforma não incorresse em erro, seria utilíssima; porem, não sendo identicos os sons de *ão* e *am*, foge-se de Charybde e cahe-se em Scylla. Quem dirá *coraçom* em vez de *coração*, *sótam* em vez de *sótão*, *man* em vez de *mão*?

Quanto á terceira condição, acho o *Terceiro livro* extenso de mais. Contem 432 paginas.

A longura é tambem uma cauza do tédio e cansaço para a criança, por mais bello que seja o trabalho. A variedade é um deleite, não só para ella como para o homem. «A variedade deleita», dizia a antiguidade pela voz de um dos seus mais estimados poetas, e esta verdade será sempre nova, porque decorre da propria natureza humana. Eu, se tivesse de escrever para a infancia, em vez de trez ou quatro volumes que fossem necessarios, escreveria oito ou doze. E' um grande dia para o menino aquelle em que passa para outro livro. E muitas vezes, não sendo possivel, em vista de seu adiantamento vagaroso, a passagem que elle pede e pela qual insiste, tenho-o visto de gostar-se do estudo e de bom que era, tornar-se máo estudante.

O Dr. Abilio no *Primeiro livro* e no *Segundo* poz em pratica os principios que pregara, exceptuando apenas o que é concernente aos processos orthographicos e prozódicos.

No *Terceiro* ficou muito a quem do que esperava-se.

Puz em relevo os defeitos de methodo e de fórma da obra.

Vou apresentar defeitos de ordem moral.

Sob este ponto de vista o que vê-se no *Terceiro livro*?

A vaidade apregoando-se por seu proprio punho. A intervallos surge um elogio ao Dr. Abilio, o primeiro homem do Brazil em materia de instrucção, o *nec plus ultra* do magisterio na opinião dos seus apaignados. Elle proprio não se esquece de atirar á tela da publicidade o obolo com que contribuiu para a estatua de José Bonifacio!

Grande preceptor que préga tantas doutrinas diferentes dos exemplos manifestos em um trabalho para o ensino da mocidade!

E' a vaidade principio de educação? Ou antes é um veneno que mina

e destroe? Se o instituidor é a sua consubstanciação, como póde derivar-se d'ahi resultado proficuo para os educañdos?

Ponho as interrogações. Os interessados que profundem o assumpto. Sobre religião não é somenos a censura.

No referido livro ha uma lição dada no collegio do Dr. Abilio. Ou é um chamariz ou a expressão real do fanatismo. De qualquer modo as intenções são pouco louvaveis e não são verdades fundamentaes de pedagogia.

Faço distincção entre ser religioso e tartufo.

A religião eleva o homem, a beatice degrada-o, acabando geralmente na mais repulsiva hypocrisia.

Tambem é propicio o momento para por-se a seguinte questão, que não lembrou ao autor do *Terceiro livro*, occupado antes com a especulação de seu negocio, do que com as condições especiaes do paiz:

Na America o ensino religioso deve ser da competencia da escola ou da familia?

Vem annualmente ao Novo-Mundo milhões de emigrantes de crenças diversas, e cada um continua a seguir-as pelo consenso unanime de todas as constituições que o regem. Os filhos descendentes dos colonos, cidadãos do paiz em que nascem, pertencem á communhão de seus antepassados.

O estabelecimento de instrucção que tiver alumnos de varias seitas, deve impor-lhes o credo catholico, sem commetter um attentado contra a liberdade de consciencia?

Deve lezar um cidadãe em seus direitos?

Sinceramente creio que não.

A familia, penso, é a unica competente. A escola apenas desenvolverá a doutrina moral que serve de base a todas as religiões.

A não ser assim, no Brazil erguer-se-ha com a intolerancia no ensino mais uma barreira á homologação das raças.

Confrontando pois o *Terceiro livro* com o teu, o material que reuniste, alem de mais variado, selecto, util e agradavel, é sobremodo patriotico.

Instituidor brasileiro, comprehendeste que escrevias para teus pequenos compatriotas. O Brazil n'elle occupa um lugar mais distincto, na parte geographica e historica, nas monographias, nos seus homens.

Se na publicação satisfizeres as condições que acima expuz, teremos o melhor livro de leitura para as nossas aulas.

E' esta a minha opinião.

Porto Alegre 4 de Setembro de 1874.

IRIÊMA.

Postscripto. — Publico este juizo, meu amigo, mais para pôr em

resalto o modo pouco cortez por que tratão a instrucção da provincia, do que pela gloria que eu possa esperar d'ahi.

Elle nada vale.

Lá vai um anno, e ainda teu pobre livro corre aventuras em companhia da apreciação rubricada por mim, esperando uma decisão. . . . talvez no valle de Josaphat!

Miseranda instrucção!

E ainda dizes, aconselhando-me, que eu escreva alguma obra para as aulas primarias!

Se eu quizesse morrer mais rapidamente, annuiria.

Quando lembro-me que o nosso amigo Antonio Carlos Bandeira, querendo um lugar na escola normal, não o obteve, elle, que por seus talentos e illustração na côrte offerecerão uma cadeira na academia, desanimo devéras! E faço o que devias ter feito, retraio-me, encolho-me o mais que é possível. . . . Onde não ha patriotismo, semeia-se o trigo e nasce o joio.

1 de Setembro de 1875.

IRIEMA.

Abraes de Pariaou

A ESTRELLA D'ALVA

I

Por entre os vidros da janella antiga
Ella scismava enlanguecida e bella...
Além... na rua, um violão gemia
Aos doces threnos de canção singela.
Depois... a porta se entreabrio, e *elle*
Beijando a moça a suspirar tremeu.
Cerrou-se a porta ao estallar de beijos....

E a estrella d'alva despontou no céu !....

II

Já todos dormem ; nem de leve a brisa
Rompe o silencio que povôa a rua...
E, reclinados á janella, beijão-se
Os dois amantes ao clarão da lua !
Ai ! — o lampyrio prelibando a rosa
Todo o perfume virginal sorveu...
Mais uma flôr — que sem orvalho pen de...

E a estrella d'alva a scintillar no céu !....

III

Desperta a aurora ; — os passarinhos trinão
Esvoaçando no vergel sombrio ;
Tremem as auras osculando as flôres,
E as ondas correm a brincar no rio.
E Julieta á frouxa luz da alampada
Dorme nos braços do feliz Romeu....
As horas vôão.... os amantes dormem....

E a estrella d'alva a desmaiar no céu !...

1875.

MUCIO TEIXEIRA.

ELLA

Quando tu tranças, querida
A tua perna divina,
Para calçar a botina,
Onde se engasta o pésinho;
E mal descobres vaidosa,
Por entre as dobras da renda
Mais alva que o branco arminho,
A outra perninha mimosa,
Que enlevo, que graça ostentas !
Que mundo eu crio na mente !
Que philtro minha alma sente !...

Esconde-a ! Não quero vel-a !...
Fecha esse mundo de encanto,
Aos meus olhares profanos,
Fecha-o !... Eu deito quebranto,
Se não atares na perna,
Como ao pescoço de um anjo,
Em cima do tope da liga
Ao menos uma só figa.

MANFREDO